



Carlos Nelson Coutinho em debate: interpretações, polêmicas e atualidade do seu pensamento

BRAZ, M.; RODRIGUES, M. (Orgs.). *Cultura, democracia e socialismo: as ideias de Carlos Nelson Coutinho em debate*. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Mórula, 2016. 248 p.

Pedro Claesen Dutra Silva*

Chega ao público mais uma obra que se debruça sobre o rico, instigante e polêmico pensamento de Carlos Nelson Coutinho (CNC). Filósofo, militante socialista, tradutor e professor da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), “Carlito”, como era carinhosamente tratado pelos mais íntimos, falecido há quatro anos, deixou um legado teórico-político que tem sido objeto de debates e estudos entre professores e ativistas de diversos países.

Lançado em 2016, *Cultura, democracia e socialismo: as ideias de Carlos Nelson Coutinho em debate*, organizada pelos professores Marcelo Braz e Mavi Rodrigues, reúne textos e intervenções de autores do Brasil, Itália, França e Portugal que participaram do *Seminário Internacional Carlos Nelson Coutinho e a Renovação do Marxismo*, realizado no ano de 2013 na UFRJ.

Trata-se da segunda coletânea de artigos empenhada na discussão e divulgação das ideias do autor¹, que, para além de mais uma merecida homenagem, realiza um generoso balanço crítico e prospectivo em torno de suas principais teses e formulações desenvolvidas ao longo de décadas de um disciplinado, produtivo e multifacetado trabalho intelectual.

*Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor Assistente da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e militante da Consulta Popular. *Correspondência*: Rua do Catete, 123 - Casa 14, Catete, Rio de Janeiro - RJ. CEP: 22220-000. *Email*: <pedro_dutras@yahoo.com.br>.

¹ Ainda no ano de 2012, semanas após a morte de Carlos Nelson Coutinho, foi publicado pela Editora Expressão Popular o livro *Carlos Nelson Coutinho e a renovação do marxismo no Brasil*, organizado por Marcelo Braz.

Antes de voltar-se aos doze textos que compõem a referida obra (divididos em duas partes: *Marxismo, socialismo e democracia e Luta política e luta ideológica no Brasil*), é fundamental que o interessado leia atentamente a apresentação (feita pelos organizadores) e o prefácio (escrito por Ivete Simionatto), pois lhe permitirá ter uma visão geral e panorâmica do conjunto dos artigos, marcados pela densidade teórico-analítica e atravessados por calorosos debates políticos.

Apesar da diversidade de abordagens e questões que são trabalhadas pelos autores, um fio condutor atravessa praticamente a totalidade dos escritos, qual seja, a relação entre socialismo e democracia em CNC. Tema bastante caro ao marxismo e que possui em Coutinho uma centralidade absoluta, acompanhando-o desde a juventude, a exemplo de seu clássico *A democracia como valor universal*, publicado em 1979, até suas últimas reflexões.

Mesmo com sua erudição incontestável, o estilo literário e a postura intelectual de CNC não se enquadram nos modelos e padrões acadêmicos tradicionais, assumindo, inúmeras vezes, um caráter de combate e disputa, seja direcionada ao pensamento dominante ou mesmo no interior da própria esquerda brasileira e no campo do marxismo. Profundamente dialético e antidogmático, mais do que um estudioso exegético de Antonio Gramsci, Coutinho foi um mobilizador das categorias do comunista sardo, apropriando-se do método marxiano para interpretar a realidade brasileira e se posicionar diante dos dilemas e contradições da luta de classes.

É desse autor, portanto, inventor do *marxismo democrático-socialista brasileiro*, nas palavras de Michael Löwy, e referência para gramscianos de todo o mundo, segundo Guido Liguori, que a obra em tela se dedica e revela.

Identificamos em Francisco Louçã, Mauro Iasi e Antônio Carlos Mazzeo, as posições mais críticas às elaborações de CNC. O primeiro afirma que a formulação de “reformismo revolucionário”, cunhada por Coutinho nos anos 2000, é “uma coisa estranha” e paradoxal, que mais confunde do que contribui para a atualização da estratégia revolucionária. Para Iasi, Carlos Nelson acaba reproduzindo uma espécie de “gradualismo” em sua análise a respeito da relação entre sociedade política e sociedade civil no Brasil, uma vez que o fortalecimento da segunda, longe de favorecer as classes subalternas em seus processos de organização e luta (como previa Coutinho), acabou por consumir a hegemonia da burguesia e o caráter autocrático do Estado. Mazzeo, por outro ângulo, aponta para a impropriedade no uso da categoria “via prussiana” como chave de análise do desenvolvimento sócio-histórico do país, sinalizando lacunas do autor no que concerne ao estudo da particularidade histórica brasileira e da gestação do modo de produção capitalista no Brasil.

Já os textos de José Paulo Netto e Antonio Infranca expõem a sofisticação e autoria de Carlos Nelson Coutinho desde a mais tenra idade,

ao confrontar-se de forma aberta e leal com gigantes das ciências sociais e dialogar criticamente com um de seus grandes mestres e interlocutores, György Lukács.

De acordo com Rodrigues, Coutinho foi fruto e sujeito dos “longos anos 1960”, período de ouro do marxismo em nível internacional, e forjou-se intelectual orgânico das classes subalternas participando ativamente dos debates e processos organizativos daquele tempo histórico. A partir das discussões no interior da esquerda brasileira e mundial em torno das contradições do chamado socialismo real, vozes destoantes da “linha oficial” da URSS proliferaram-se, impulsionando movimentos de revisão e contestação do stalinismo. Expressão maior desse processo foi a guinada vertiginosa que os Partidos Comunistas italiano, francês e espanhol deram à centralidade da luta democrática para a construção da transição socialista. Inflexão que se incia já no final da década de 1950 e ganha fôlego nas duas décadas seguintes, culminando com o que ficou conhecido por “eurocomunismo”, passando a influenciar diretamente os debates no âmbito do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e do conjunto das forças de esquerda do país, como assevera Braz. Nessa linha, Marcos Del Roio demonstra e analisa a atuação de CNC durante a década de 1970 no mesário comunista *Voz Operária*, vinculado ao PCB e porta-voz oficial das orientações e definições políticas do partido, identificando Coutinho como referência destacada na difusão das teses “eurocomunistas” no Brasil.

Milton Temer e Lúcia Maria Wanderley Neves fecham o livro. O primeiro, inspirado no trato realista que Carlos Nelson Coutinho analisa a luta de classes, adentra no “olho do furacão” da conjuntura e nas divergências táticas e estratégicas dos partidos políticos da esquerda brasileira. Neves, por sua vez, destaca a presença das ideias de CNC na produção acadêmica do Coletivo de Estudos de Política Educacional (com núcleo em Alagoas, Campina Grande, Juiz de Fora e Rio de Janeiro), tendo corroborado diretamente com as diretrizes teórico-políticas adotadas pelo *Coletivo* nos últimos anos, em particular com a edificação do conceito de “nova pedagogia da hegemonia”.

Após a apreciação da obra é possível observarmos nitidamente a polissemia de abordagens e leituras das ideias de Coutinho, em especial àquelas relacionadas aos temas “mais quentes” do debate político. O que não poderia ser diferente, tendo em vista a originalidade e ousadia do autor ao lançar-se sobre a interpretação da realidade brasileira, ao exame da conjuntura política e no apontamento de cenários e desafios para a luta das classes subalternas e suas organizações. Não por acaso, o legado de CNC permanece atual e inspirador para as novas e velhas gerações de militantes e pesquisadores comprometidos com a análise criteriosa e radical da sociedade.

Em tempos de ofensiva conservadora, intensificação da barbárie e retrocessos de direitos dos trabalhadores em escala nacional e global, o

núcleo central do pensamento de Coutinho, mesmo não havendo um consenso entre os autores, mas abordado por quase todos os participantes desse trabalho coletivo, na nossa compreensão, mantêm uma vitalidade sem precedentes. A máxima “coutineana” de que uma democracia substantiva só é possível numa sociedade para além do capital e de que o socialismo deve levar até as últimas consequências os valores e bandeiras da democracia, fundando um regime de poder e um modo de produção qualitativamente superiores, parece estar na ordem do dia para as forças sociais em luta contra a exploração capitalista e as diversas formas de opressão reproduzidas pela sociabilidade burguesa.

A leitura do livro *Cultura, democracia e socialismo: as ideias de Carlos Nelson Coutinho em debate*, portanto, nos instiga não só a retomarmos a herança intelectual de um dos mais importantes e fecundos pensadores brasileiros, mas, sobretudo, nos interpela a seguirmos os caminhos trilhados por CNC no horizonte da atualização permanente do marxismo e na construção de uma nova hegemonia.

DOI: 10.12957/rep.2017.32731



A Revista Em Pauta: Teoria Social e Realidade Contemporânea está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.